

## O NEERLANDÊS

No estrangeiro em geral, e nomeadamente em Portugal, existe muita confusão acerca do neerlandês: a língua em si, a sua denominação e os territórios onde é falada. Esta confusão existe não só nos meios menos cultos («eu não falo belga»), mas também nos órgãos de comunicação e nos meios universitários. Assim, por exemplo, comunicou-se na altura da visita real, que o rei Balduino falou em Lisboa em francês e flamengo. A palavra adequada era «neerlandês». No princípio da série televisiva acerca de Guilherme de Orange leu-se nas legendas «Holanda» onde devia estar «Países Baixos». Pelo contrário, uma pessoa melhor informada falou, por excesso de zelo, em tamancos neerlandeses, onde «holandeses» ficava correcto. Há quem pense que o «holandês» e o «flamengo» são duas línguas, que o neerlandês é um dialecto alemão que se tornou autónomo, que a língua oficial da Bélgica é o francês ou que os Belgas são bilingues... E quem recorre à enciclopédia *Verbo* para tirar dúvidas não encontra as explicações apropriadas.

Esta confusão compreende-se até certo ponto. O neerlandês é uma língua falada por um número reduzido de pessoas em terras longínquas com uma história complexa. Por outro lado, Portugal, que antes da revolução vivia num relativo isolamento, passou depois por mudanças tão profundas, que não podia acompanhar bem a evolução acelerada dos pequenos países em questão. Alias, o facto de serem extremamente raros os Portugueses bem versados na língua e cultura neerlandesas praticamente não permite o acesso directo às fontes de informação. E, sejamos honestos, também nos próprios países as palavras «holandês» e «flamengo» continuam populares e muitas vezes erradamente utilizadas.

Por causa de tudo isto justifica-se esta breve apresentação sobre o neerlandês. Sacrificarei os pormenores a uma visão de carácter mais geral, fazendo todavia algumas referências a Portugal e ao português. Dentro desta concepção limitarei também a bibliografia, sobretudo porque esta é muitas vezes inacessível aos Portugueses.

Na Europa, o neerlandês é falado na planície a Leste do Mar do Norte, no delta dos grandes rios Reno, Mosa e Escalda. Desta sua situação geográfica deriva a designação «Países Baixos», que é mais antiga e era mais ampla do que o nome do estado actual. O neerlandês consegue fazer esta distinção, mediante o plural para o antigo conglomerado histórico ou às vezes para os territórios neerlandófonos actuais; e o singular para o estado moderno som este nome. O português não permite esta distinção, o que contribui ainda mais para a confusão.

A língua pertence ao ramo germânico ocidental. Do ramo germânico oriental, cujos povos se espalharam pela Europa e chegaram até Portugal, não resultou nenhuma língua moderna viva, mas dele restam os preciosos fragmentos da Bíblia na tradução de Úlfilas (séc. IV). Ao ramo setentrional pertencem as línguas da Escandinávia.

As línguas do ramo ocidental são o inglês, o frisio, o neerlandês e o alemão. Existem muitas afinidades entre as duas primeiras, por um lado, e as duas últimas, por outro lado. A ligação linguística entre o neerlandês e o baixo-alemão é ainda maior, mas por razões históricas este último complexo continuou em forma de dialectos, sem sair deles uma língua nacional, já que foi o alto-alemão que veio impor-se. (A semelhança entre o neerlandês e o baixo-alemão parece-me ser bastante paralela à que existe entre o português e o galego). O neerlandês formou-se com base em dialectos francos mas com influência dos dialectos saxónios e frisios.

Como acontece nas línguas irmãs, é costume distinguir três fases: o neerlandês antigo (até ao séc. XII), o neerlandês médio (até ao séc. XVI), sendo este um período de transição que leva ao neerlandês moderno.

Do neerlandês antigo quase nada chegou até nós. Temos de nos contentar com nomes toponímicos e antroponímicos em textos latinos. Certos autores incluem como vestígios dessa fase ainda a fórmula baptismal de São Bonifácio, do séc. VIII, ou fragmentos de salmos, do séc. IX, mas nem todos partilham dessa opinião. Felizmente encontrou-se em Oxford uma «*probatio penna*» que reza em português: «*todos os pássaros começaram os seus ninhos, excepto eu e tu*». Este verso tem sido um regalo para linguistas e historiadores da literatura. Aliás, quem o não queria na alvorada da sua cultura?

A transição do neerlandês antigo para o neerlandês médio está essencialmente ligada ao ensurdecer das vogais em sílabas não acentuadas e ao desaparecimento, a seguir, de grande parte da flexão. «Neerlandês médio» continua a ser um rótulo colectivo para um conjunto de dialectos aparentados. Mas já se nota que, devido a circunstâncias políticas, socio-económicas e culturais, certas regiões vão ganhar uma preponderância temporária e com isso também os seus dialectos.

O mais antigo texto medieval conservado foi escrito num dialecto do Limburgo por volta de 1170: a vida do São Servácio, por Hendrik van Veldeke. Data, portanto, sensivelmente da mesma altura dos cancioneiros em Portugal. Mas o Limburgo não vai irradiar para o resto dos antigos Países Baixos.

O contrário acontece depois com o Condado de Flandres. Os condes de Flandres são influentes, Bruges torna-se um porto muito importante, as cidades são poderosas, principalmente por causa dos seus têxteis. Algumas destas cidades já vêm citadas num diploma português de 1253, onde D. Afonso III congela os preços dos panos importados: brugia (de Bruges), Camina (Comines), Gam (Gand), Lila (Lille), Sanctus Omer (Saint Omer), Ipli (Ypres)...

Naquela época, nota-se um facto interessante: a palavra «flamengos», como substantivo e adjectivo, vai estender-se a um espaço muito mais vasto do que o antigo núcleo da Flandres. É o fenómeno do «*pars pro toto*». Muitas vezes, viajantes, comerciantes, colonos, missionários, artistas... oriundos dos

## NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

antigos Países Baixos, do Norte da França e às vezes até da vizinha Alemanha são designados nos documentos portugueses como «flamengos». Aliás indicações como «polifonia flamenga», «primitivos flamengos», «tapeçaria flamenga» derivam todas do mesmo fenómeno. Esta designação tradicional, que data dos primórdios das nossas relações com Portugal, conservou-se até aos nossos dias, como por exemplo a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura em 1984 mostrou.

Todavia, a Flandres vai perder muito da sua influência a favor do Brabante e os dialectos brabantinos vão liderar a seguir. Lovaina tem a sua universidade desde 1425; Filipe o Bom, marido de Isabel de Portugal, escolhe Bruxelas para uma das suas residências; o Grande Conselho tem a sua sede em Malinas; e Antuérpia vai dominar como porto e praça comercial e financeira.

Desta época média temos textos literários em abundância e vários de grande valor, sendo a maior parte deles proveniente do Sul — portanto da Bélgica de hoje. No entanto, os estudiosos preferem para o conhecimento da língua de então os documentos oficiais. Estes têm a vantagem de indicar o lugar e a data, são autênticos e costumam estar mais perto da língua falada. Os documentos oficiais mais antigos em neerlandês datam dos meados do séc. XIII.

No limiar dos tempos modernos aparece a tipografia — os especialistas portugueses sabem quantas obras saíram das prensas dos Países Baixos, principalmente de Antuérpia. Os impressores, que querem alcançar um mercado o mais amplo possível, procuram uma língua mais unificada. Aliás, a Reforma teve a mesma aspiração para a tradução da Bíblia. Por seu lado, o Humanismo e o Renascimento vão dar um grande impulso ao estudo da língua. À semelhança do que aconteceu em Portugal, aparece também nos Países Baixos do séc. XVI um bom número de livros sobre a ortografia, gramática e vocabulário. Destacam-se como sendo os mais «modernos»: A «Nederduitse Orthographie», 1581, de Pontus de Heuiter; a «Twe-spraak», 1584, de H. L. Spiegel e o «Etymologicum», 1599, de Kiliaan (3.<sup>a</sup> ed. do «Dictionarium» de 1573).

Entretanto, a guerra contra os Espanhóis alastra e é levada a um clímax com a actuação do duque de Alba. Será Alexandre Farnésio, marido de Maria de Portugal, que vai reconquistar o Sul. A tomada de Antuérpia em 1585 é considerada uma data de extrema importância em todos os domínios da cultura neerlandesa: ela significa a cisão dos antigos Países Baixos. O Sul continua sob o domínio dos Habsburgos espanhóis (até passar para o ramo austríaco em 1713) e continua católico. Teve inclusivamente governadores espanhóis de origem portuguesa. O Norte torna-se independente e protestante, dando origem aos Países Baixos actuais, muitas vezes denominados «Holanda», já que esta região vai dominar.

Efectivamente, esta parte ocidental tem todas as condições para adquirir a hegemonia e para os seus dialectos se tornarem a base do neerlandês moderno, a partir do séc. XVI. Ela inclui Amesterdão, capital e sucessora de Antuérpia; Haia, sede do governo e cidade residencial como grande irradiação social; Leiden, cidade universitária. Esta zona tem continuado a liderar até aos nossos dias, englobando também a porto de Roterdão e estendendo-se agora até à cidade

de Utreque, centro importante desde a Idade Média. Tem uma tão grande concentração populacional que chegou a ser chamada «Conurbação Holanda».

O séc. XVII é o séc. de ouro dos novos Países Baixos, como os Portugueses bem sabem. «As heréticas listas» «daquela fria e alagada terra»! (P.<sup>e</sup> Vieira). No meio da Europa absolutista a jovem república torna-se um pólo de atracção para os perseguidos e dissidentes. Lembremo-nos, entre outros, dos Sefarditas. Mas o fluxo mais importante sai dos Países Baixos espanhóis. Estes imigrantes vão contribuir para o séc. de ouro holandês nos seus vários sectores. Essa influência faz-se sentir também na língua, onde imprimem certas características flamengo-brabantinas, como por exemplo os ditongos *ui* [λū] e *ij* [ei]. Na tradução da Bíblia (1635), financiada pelo parlamento e que tanto contribuiu para a unificação da língua, colaboraram redactores do Norte e do Sul.

Para comédias e farsas recorre-se aos dialectos e falares populares mas para outros géneros literários os escritores do séc. XVII, como Hooft e Vondel, aspiram a uma língua mais geral e mais pura, e preocupam-se muito com a ortografia. Doravante, a língua destes escritores servirá de modelo. Há uma tentativa para restaurar a flexão casual, sob influência das línguas clássicas, mas em vão.

À semelhança de Portugal, o séc. XVIII holandês é de relativa estagnação e também na língua. Os gramáticos estão raais preocupados em regulamentá-la do que em descrevê-la. Assim, a escrita afasta-se cada vez mais da língua falada. Só na segunda metade do séc. XIX é que elas vão aproximar-se outra vez. Para isso muito contribuíram o escritor Multatuli e o Movimento dos Anos Oitenta. O leitor português pode testemunhar da modernidade da prosa de Multatuli, lendo o seu «Max Havelaar», que saiu nos Clássicos da Livraria Civilização em 1976.

Para o Sul, no entanto, a cisão dos antigos Países Baixos, ocorrida no séc. XVI e legalizada pela Paz de Münster em 1648, é uma catástrofe. O rio Escalda está fechado e o comércio com as índias é proibido. Também a cultura entra em decadência: quase imperceptivelmente no início — a pintura por exemplo e a actividade editorial ainda continuam muito importantes no séc. XVII — mas depois num ritmo acelerado. O neerlandês, que no Norte participa da vitalidade da conjuntura, empobrece no Sul e a francesização acentua-se. Depois vem a revolução francesa e a anexação pela França, terminada com Waterloo. O congresso de Viena pretende levantar uma barreira contra o expansionismo da França e junta em 1814/1815 os Países Baixos do Sul aos do Norte, fazendo reviver assim — grosso modo — o conjunto histórico do séc. XVI e prefigurando o Benelux. Mas os povos não estão preparados para isso: tinham vivido demasiado tempo com as costas viradas em circunstâncias históricas muito diferentes. A população francófona sente-se ameaçada e os católicos desconfiam do Norte protestante. Em 1830, explode a revolução, donde sai o actual estado da Bélgica. Este tem cariz francês e não podia deixar de o ter: uma só língua oficial devia aglutinar e fortalecer a nação em formação. Ainda por cima, os dialectos neerlandeses que vegetam na Flandres não podiam servir de instrumento linguístico adequado.

## NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

Todavia, os quinze anos da união com os Países Baixos têm consequências duradouras. Alguns intelectuais, formados durante este intervalo, tomam consciência do estado lastimoso do neerlandês na Flandres e da necessidade de uma aproximação às normas da língua nacional do Norte. Está-se também na época do romantismo: lembram-se da importância da sua cultura em tempos idos; começam a editar obras literárias medievais; Conscience escreve os seus romances históricos; e aumenta o interesse pela língua do povo nas suas variadas facetas. Em suma: nasce o «movimento flamengo», encabeçado por J. F. Willems. Não se trata de um ressurgimento em massa e de repente. Mas os neerlandófonos da Bélgica começaram a achar injusto que estivessem a ser governados, administrados, julgados, ensinados, treinados, empregados por pessoas que não falam e muitas vezes nem sequer percebem a sua língua. Aos poucos, surgem as reivindicações, a que respondem novas leis. O que começou como movimento linguístico-literário, torna-se depois cultural num sentido amplo, socio-económico a seguir e finalmente político. Olhando para esta evolução, que levou um século e meio, pode dizer-se sintetizando: um povo reencontrou-se e emancipou-se graças a uma crescente democratização.

Desde 1971 a Bélgica encontra-se repartida em quatro zonas linguísticas. Na parte norte, vulgarmente chamada Flandres, a língua oficial é o neerlandês (5.565.991 habitantes em 1976). Na parte sul, vulgarmente chamada Valónia, a língua oficial é o francês (3.150.133 habitantes em 1976). A terceira zona linguística é a alemã, logicamente no Leste do país, que se tornou belga a seguir à primeira Guerra Mundial (64.677 habitantes em 1976). A capital, Bruxelas, é oficialmente bilingue (1.042.052 habitantes em 1976). Os neerlandófonos aceitaram a paridade das duas Grandes Comunidades no plano nacional, apesar de serem maioritários; os francófonos aceitaram a paridade linguística de Bruxelas, apesar de serem maioritários. Com certeza que esta apresentação é simplista, face a uma legislação extremamente complexa, criada para organizar um convívio marcado, às vezes, por graves e delicados problemas.

A milenar fronteira linguístico-geográfica foi institucionalizada em 1963, com pequenas correcções, no intuito de formar conjuntos administrativos mais homogéneos. As causas desta fronteira entre o neerlandês e o francês, numa faixa da grande fronteira europeia entre o germânico e o românico, continuam bastante desconhecidas. Floresta impenetrável, estrada romana, penetração franca no Sul e re-romanização a seguir, papel importante dum substrato, dois tipos diferentes de habitação... eis algumas tentativas de explicação. De qualquer maneira, diz o professor L. Milis, a fronteira linguística resulta de um processo de assimilação que levou duas culturas a dividirem, de acordo com a sua dominação, uma grande zona, onde co-existiram durante algum tempo. No sítio onde estas forças alcançam um equilíbrio, surge a fronteira linguística. Se estas forças continuarem equilibradas, a fronteira continua estável; no caso contrário, ela avança ou recua. Não existe hierarquia intrínseca nas línguas, mas por factores extra-linguísticos podem tornar-se, num certo contexto, língua dominante ou língua dominada. No contexto belga, o francês é, por várias razões, língua dominante. Ora, é interessante ver que, ao contrário da fronteira linguístico-social, que se tinha acentuado ao nível do país, a fronteira linguístico-geográfica se deslocou pouco para o Norte, ao longo dos séculos. A única explicação

válida para este fenómeno consiste na pobreza de contactos na sociedade do passado. Até uma data recente, só alguém que queria subir na administração, estudar ou negociar noutros países, foi forçado a uma mudança de língua.

A única grande zona de transição na faixa belga tem a ver com Bruxelas. Esta cidade originalmente neerlandesa tornou-se um enclave predominantemente francês. A sua tendência para se expandir, em detrimento da área neerlandófona circundante, continua. A sua francesização começou quando, como já referimos, Filipe o Bom transferiu, por volta de 1430, a sua corte para Bruxelas. Ela foi sempre aumentando devido à administração central dos Espanhóis, Austríacos e Franceses. A supremacia incontestada do francês na Europa de então, como língua veicular e como língua de cultura, tinha de ter um impacto ainda maior no pequeno país vizinho. A corte e os altos funcionários tornam-se grupo de referência para os autóctones de Bruxelas, que aspiram a uma promoção social. O estatuto de capital no estado belga favorece a imigração de funcionários e empresários da Valónia. Os imigrantes do Norte, muitas vezes de camadas menos favorecidas, foram-se assimilando. À pressão social juntou-se o peso dos números. A fuga mais recente do centro da cidade para bairros residenciais nas zonas rurais limítrofes desencadeia o processo outra vez. Os muitos estrangeiros, trabalhadores imigrantes e funcionários das instituições internacionais, reforçam o desequilíbrio linguístico. Se a situação de Bruxelas levou a problemas comunitários no âmbito do país, pelo menos providenciou aos estudiosos do contacto entre línguas um autêntico viveiro.

Como consequência de sucessivas revisões da constituição, nota-se na Bélgica uma crescente descentralização. A autonomia cultural das Comunidades já se tornou um facto. Neste contexto a Bélgica e os Países Baixos celebraram o pacto chamado «União Linguística», assinado em 1980 e ratificado em 1982. Assim, criaram um organismo supra-nacional com sede em Haia. É a primeira vez na história que dois governos soberanos prescindem voluntariamente de parte da sua autonomia neste sector da vida nacional, entregando-a a um órgão separado de direito internacional. Como na Europa a Islândia parece ser o único país com fronteiras estatais que são ao mesmo tempo fronteiras linguísticas (os estados ou têm minorias linguísticas ou têm uma língua nacional em comum com outros estados e muitas vezes as duas coisas ao mesmo tempo); presume-se que esta União se poderá tornar um precedente importante. A responsabilidade fica a cargo de um Comité com quatro membros, formado pelos ministros de Educação e Cultura dos Países Baixos e da Bélgica/Flandres. A sua actuação é avaliada por uma Comissão Interparlamentar. A base consta de um Conselho de 45 peritos. Estes vêm dos mais diversos quadrantes, mas têm em comum o facto de lidarem profissionalmente todos os dias de uma maneira responsável com a linguagem: como professores, escritores, tradutores, editores, bibliotecários, jornalistas, actores... O conjunto é apoiado por um Secretário-Geral Permanente.

Agora que em todos os países da Europa existe uma tendência para se favorecerem outros estudos e outras Faculdades em detrimento do estudo das línguas e das Faculdades de Letras, as palavras de uma figura-chave do Pacto, o doutor J. Fleerackers, podem dar alento às pessoas que dedicam a sua vida ao estudo e ao ensino das línguas: «o bom domínio da língua facilita a vida

## NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

social, incita a criatividade intelectual, fortalece a autoconsciência e favorece a integração social».

Esta União Linguística visa a integração dos Países Baixos e da Comunidade neerlandófona da Bélgica no domínio da língua e das letras neerlandesas no sentido mais amplo. Do seu programa constam entre outros os seguintes objectivos: deliberações conjuntas sobre ortografia, gramática, terminologia jurídica e terminologia de publicações oficiais; a adopção de uma política conjunta em relação a iniciativas privadas no sector de dicionários, vocabulários, gramáticas, bancos de dados; a organização conjunta do «certificado de neerlandês como língua estrangeiras; uma política conjunta em relação à língua e letras neerlandesas no contexto internacional, particularmente dentro da Comunidade Europeia.

Trata-se, portanto, de muito mais do que iniciativas bilaterais privadas: estas existiram desde o séc. XIX; por exemplo, congressos donde saiu a resolução de um dicionário científico o mais completo possível, o que implicou uma (tentativa de) unificação prévia da ortografia. Muito mais também do que compromissos oficiais bilaterais, como o acordo cultural de 1946. Mais até do que instituições de direito holandês com participação belga, como o «Instituto de Lexicologia Neerlandesa» de 1968. Estas e outras iniciativas prepararam gradualmente a União Linguística.

Nos Países Baixos o neerlandês é falado por aproximadamente 14,4 milhões de pessoas (1984). A língua padrão está forte e os dialectos estão fracos. Na Bélgica/Flandres os neerlandófonos são entre 5,5 e 6 milhões. Aqui, por razões históricas óbvias, a língua padrão continua fraca e os dialectos fortes. Com 20 à 21 milhões de falantes e ainda um certo número fora destas fronteiras, em que deliberadamente não falei, a língua neerlandesa é a terceira língua germânica, a seguir ao inglês e ao alemão. Ela é falada por mais pessoas do que o islandês, o norueguês, o sueco e o dinamarquês juntos, devido à grande concentração populacional dos seus territórios.

Para esboçar rapidamente o seu retrato no conjunto das línguas germânicas apoiar-nos-emos em J. de Rooij, um linguista holandês que trabalhou algum tempo na Suécia. Ele realça como características típicas do neerlandês, por exemplo:

- 1) *Sch*, no início de uma sílaba, pronuncia-se [*s x*]: cf. neerl. school por um lado; al. Schule, ingl. school, sueco skola por outro lado.
- 2) O grupo consonântico *ft* tornou-se muitas vezes *cht*: cf. neerl. kracht comparado com Kraft em al., craft em ingl., kraft em sueco.
- 3) O grupo consonântico *ks* (na ortografia *chs* ou *x*) tornou-se *s* por assimilação: a zes e os em neerl. correspondem sechs e Ochs em al., six e ox em ingl., sex e oxe em sueco.
- 4) O grupo consonântico *al*, *ol + d*, *t* tornou-se *ou + d*, *t*: neerl. oud e goud, al. alt e Gold, ingl. old e gold, sueco äldre (comp.) e guld.
- 5) Antes da terminação — er, o neerl. insere frequentemente *d* a seguir a l, n e r. Ao neerl. kelder correspondem Keller em al., cellar em ingl. e källare em sueco.

## ROZA HUYLEBROUCK

- 6) As vogais longas não sofreram, de maneira geral, inflexão. Cf. neerl. horen e groen [u], comparado com hören e grün em al., hear e green em ingl., hōra e grōn em sueco.

Comparado com as duas línguas germânicas mais próximas, o alemão e o inglês, o neerlandês ocupa muitas vezes uma posição intermédia. Seguem-se alguns exemplos de morfologia:

- 1) A desinência do infinito: al. hören (n sonoro), neerl. horen (menos tenso), ingl. hear (sem terminação).
- 2) A conjugação do presente: em al. aparecem quatro formas diferentes, em neerl. três, em ingl. duas. Cf.:  
al.; ich höre, du hörst, er hört, wir hören, ihr hört, sie hören.  
neerl.: ik hoor, je/hij hoort, we/jullie/ze horen.  
ingl.: I/you hear, he hears, we/you/they hear.
- 3) O género: em al. três artigos definidos (der, die, das), em neerl. dois (de, het), em ingl. um (the).
- 4) O plural dos substantivos: o al. tem um grande número de formas plurais (-e, -en, -er, Umlaut etc), o neerl. tem -en e -s, o ingl. só -s (fazendo abstracção nos últimos dois casos de algumas irregularidades).

Para outras características o neerl. aproxima-se às vezes mais do alemão, outras vezes do inglês. Por ex.:

- 1) O neerl. e o al. não têm consoantes sonoras no fim da palavra: cf. neerl. bed [-t], al. Bett, ingl. bed [-d].
- 2) O neerl. e o ingl., ao contrário do al., não sofreram a segunda mutação consonântica: cf. neerl. slapen, ingl. sleep, ai. schlafen.
- 3) O vocabulário neerl. aproxima-se às vezes do al. outras vezes do ingl.: cf. neerl. vlees, al. Fleisch, ingl. meat; neerl. wiel, ingl. wheel, ai. Rad.

Na opinião de P. Brachin, catedrático jubilado da Sorbonne, a língua neerlandesa é ao mesmo tempo simples e subtil. As muitas assimilações tornaram-na fluida. Destacam-se a grande popularidade do diminutivo, a incongruência crescente no uso do género e a extrema importância de «er» com múltiplos papéis.

Quanto à ortografia do neerlandês: a linha-mestra é uma letra para um som. Por razões de viabilidade, todavia, esta é atenuada pelos princípios de uniformidade, analogia, etimologia e economia. Da revisão geral de 1946, por acaso um ano depois da portuguesa, saiu o muito útil Vocabulário de 1954 de uso generalizado. Foi pena a Comissão da altura não ter ido um pouco mais longe, acabando com a diferença ei/ij e ou/au; encontrando uma solução mais fonética para as terminações -lijk e -isch; e unificando a ortografia das palavras de origem estrangeira. Mas mesmo assim, a ortografia neerlandesa é muito mais fonética, e portanto mais fácil, do que a inglesa ou francesa.

## NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

O ano findo tem sido muito fértil para a descrição da língua. Saiu a *Gramática Geral Neerlandesa*, um livro de referência de 1.309 páginas. A iniciativa veio do Centro Interuniversitário belgo-holandês, que concretizou assim uma antiga sugestão dos docentes de neerlandês no estrangeiro. O projecto tem sido financiado por fundos de investigação dos dois países e na sua fase final pela União Linguística. Estudaram-se previamente o Duden alemão, o Grévisse francês e o Quirk inglês. A redacção esteve a cargo de linguistas holandeses e belgas. O doutor J. de Rooij, que muito contribuiu para este projecto, caracteriza a gramática como sendo realista-normativa. Ela dá em primeiro lugar a descrição gramatical do neerlandês padrão (standard), englobando também casos onde não há consenso geral. À volta deste núcleo agrupam-se as quatro variantes: formal, informal, regional e de grupo com eventuais subvariantes. Indica-se também o «substandard». Na sua organização esta gramática é considerada bastante tradicional, mas no seu conteúdo domina o estruturalismo e aproveitou-se também a investigação linguística dos últimos anos.

Também em 1984 saiu a 11.<sup>a</sup> edição revista do *Grande Dicionário da Língua Neerlandesa*, o dicionário que mais autoridade tem em território neerlandófono. Ele contém aproximadamente 230.000 entradas. Aqui também houve colaboração do Norte e do Sul. Escassos meses depois, saiu o seu pequeno irmão *Neerlandês Actual!* que em 95.000 entradas realça sobretudo o vocabulário desde 1950. Este será o eixo para uma nova série de dicionários de tradução — infelizmente ainda não Neerlandês-Português.

Vejamos agora, depois desta apresentação geral do neerlandês, as entradas da enciclopédia Verbo que dizem respeito ao nosso assunto. Estas são por ordem alfabética: Bélgica, Flamengo, Germânicas (Línguas), Holanda, Neerlandês, Países Baixos. Para não alargar ainda mais este artigo não as copiamos (por completo) por serem extensas e reservamos a entrada principal «neerlandês» para o fim.

1) *Bélgica* — Vol. 3 de Setembro de 1965.

«Linguisticamente a pop. da B. encontra-se dividida em dois grandes grupos, o flamengo (com mais de 50 % do total dos h.) e o fr., além de uma pequena minoria (c. 1 %) alemã. [...] A fronteira entre o flamengo a N (dialectos locais e populares flamengos; língua cultural o neerlandês, com aqueles intimamente aparentado), e o fr. a S. f...] é bilingue. Desta divisão resulta que a B. dispõe de duas línguas nacionais e oficiais, com iguais direitos — o fr. e o flamengo ou neerlandês (hoog Vlaams, «alto flamengos, Nederlands), que não é senão o neerlandês literário (da Holanda), com ligeiras particularidades diferenciais na fonética e no léxico. A situação é porém relativamente recente [...].»

Esta entrada bastante extensa é obviamente de uma pessoa que se informou bem. Todavia, nota-se a confusão na denominação: a «francês» devia corresponder «neerlandês», devendo «alto-flamengo» ser categoricamente eliminado. Também não se deve dizer que a fronteira é bilingue. Ela divide oficialmente zonas unilingues, mas há no seu percurso algumas localidades com «facilidades» em que

os falantes podem optar por uma das línguas. Certos autores vão achar «ligeiras particularidades» uma expressão (muito) benevolente. No entanto, a diferenciação nunca é tal que ponha a unidade linguística fundamental em dúvida.

- 2) *Flamengo* — Vol. 8 de Janeiro de 1969.  
«Ling. Principal complexo dialectal da Bélgica germânica, que se estende até à Flandres fr. Tb. impropriamente se usa para designar a segunda língua nacional e literária desse país, i.e. Neerlandês. Cf. tb. Holanda».

Esta unidade tem o mérito de reservar a designação «flamengo» para os dialectos e de remeter para o neerlandês como língua oficial e cultural. Formulado no presente o adjectivo «principal» é perigoso. Um leve toque histórico podia remediar. Mas como é que a língua falada pela maioria (cf. Bélgica) pode ser a segunda do país? Legalmente o neerlandês e o francês têm direitos iguais; numericamente o neerlandês vem em primeiro lugar.

Quanto à Flandres francesa: as partes importantes dos antigos P.B. que foram para França no séc. XVII, no tempo de Luís XIV, estão incorporadas no actual Département du Nord. Aqui a fronteira linguística geográfica avançou à volta de cem quilómetros. Calculam-se em aproximadamente 100.000 as pessoas que ainda falam ou percebem o neerlandês em forma de dialecto: principalmente pessoas de idade em zonas rurais. No entanto, nota-se um interesse crescente dos intelectuais francófonos deste território pela língua e cultura neerlandesas.

- 3) *Germânicas (Línguas)* — Vol. 9 de Outubro de 1969.  
Mesmo este contributo interessante, que não copiamos por ser grande demais e ter poucas referências, pode fomentar a confusão. Nas «Características históricas» utiliza a palavra «holandês» e na «História posterior» remete para «neerlandês» — com o mesmo conteúdo.

- 4) *Holanda* — Vol. 10 de Junho de 1970.  
«Região ocidental dos Países Baixos dividida em duas províncias: a H. Setentrional e a H. Meridional [...]».  
Apresentação moderna do termo. Podia-se talvez acrescentar no fim que por razões históricas esta designação é utilizada popularmente para o conjunto dos P.B. Em contextos oficiais e científicos, no entanto, convém só a designação P.E.

- 5) *Países Baixos* — Vol. 14 de Fevereiro de 1973.  
«Línguas: Bélgica, Flamengo, Frísio e Neerlandês».

- 6) *Neerlandês* — Vol. 13 de Junho de 1972.  
«Ling. Nome que se dá ao holandês ensinado na parte flamenga da Bélgica. É uma língua germânica do ramo ocidental [...]. O ramo ocidental é constituído pelo al. lato sensu. Biparte-se o al. em alto-al. e baixo-al. O N. (holandês), o flamengo e o frísio pertencem ao baixo-al. Originou-se o N. da língua dos antigos Francos, na sua variante ocidental. É a língua dos antigos dos dialectos do baixo-alemão».

## NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

É óbvio que esta entrada tem que ser rejeitada quase em bloco. O pior é que todas as outras remetem para esta! Ainda por cima, usa-se como palavra-chave «holandês», que nem sequer consta das unidades da enciclopédia. O flamengo aparece citado como se fosse outra língua ao lado do holandês e do frísio. Caracterizando o ramo ocidental como al. lato sensu, não só se anexa o neerlandês e o frísio mas também o inglês! Se fosse assim, a entrada «Alemanha» Língua alemã — Vol. 1 de Dezembro de 1963 — deveria falar no neerlandês, mas não há nenhuma referência. Reza: «o alemão é uma das línguas pertencentes ao grupo germânico ocidental...».

Podemos, portanto, concluir que as entradas na enciclopédia Verbo que nos interessam mostram erros óbvios, desactualizações e uma grande falta de coordenação.

Era interessante compararmos a entrada «neerlandesa de Verbo com a correspondente nas Actualizações da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, mas infelizmente o volume em questão ainda não se encontra publicado. Todavia, isso não nos impede de vermos um instante as outras entradas, deixando a avaliação ao leitor atento, visto que tem dados suficientes para isso.

- 1) *Bélgica* — Actualização — Vol. 2 de 1982.  
Apresentação actualizada do quadro linguístico.
- 2) *Flamengo* — Actualização — Vol. 5 de 1984.  
«Ling. O flamengo é falado principalmente na zona de Bruxelas para o norte da Bélgica, mas também para o sul, no lado francês da fronteira. Basicamente é um dialecto intimamente aparentado com o trazido de novo à vida por escritores no movimento nacionalístico universal do séc, XIX [...]. Os falantes flamengos em geral agarram-se tenazmente à sua língua para a preservar da invasão do francês pelo Sul e do holandês pelo Norte. Este último vai ganhando terreno, mas a Universidade de Gand mantém-se como uma praça-forte da erudição e da cultura características flamengas.» Lembremos que a União Linguística data de 1980! E existem também universidades ou secções universitárias neerlandófonas em Antuérpia, Bruxelas, Hasselt, Kortrijk e Lovaina.
- 3) *Germânico* — Actualização — Vol. 5 de 1984.  
«Ling. Ramo do indo-europeu que inclui as línguas alemã, inglesa, holandesa e escandinavas. [...] grupo ocidental: línguas alto-alemãs (alemão e langobardo, este extinto); línguas baixo-alemãs de tipo saxão (inglês, frísio e plattdeutsch ou baixo-alemão) e de tipo francínico (flamengo, holandês e africanse, que vem do holandês). É pena também esta entrada não indicar bibliografia.
- 4) *Holanda* — Actualização — Vol. 6 de 1985.  
«Estado da Europa Ocidental...»

A confusão que notamos nas enciclopédias está também patente nos Dicionários da Língua Portuguesa, nas suas edições mais recentes. Não se

encontra nenhuma entrada «neerlandês» satisfatória. Note-se, além disso, que vários dicionários ou utilizam uma fonte comum, ou se copiam uns aos outros. Estranhámos ler em edições de 1984, que se dizem «novos» ou «actualizados», que «neerlandês» é o dioma da «Neerlândia», ou que o nome dum grupo de línguas, que abrange o flamengo e o holandês.

Ao folhear e comparar surgem-nos espontaneamente duas observações. A primeira: é óbvio que ainda não estamos na mesma modulação de frequência. A segunda: que luxo ter um país com um só nome actual, com fronteiras finas desde a Idade Média, com uma só língua nacional, e com um só nome para esta língua! Mas quem se atreve a fazer um prognóstico acerca do português agora que os países africanos que estavam sob colonização portuguesa se tornaram independentes?

Dedicamos a última parte do nosso artigo à relação neerlandês-aiemão. O doutor Goossens, catedrático de Münster, escreveu em 1971 que a representação linguisticamente errada desta relação resulta essencialmente do facto de a linguística alemã até aquela data não ter formulado uma definição do que é o alemão. Por falta disso, não se deu suficientemente conta do uso equívoco da palavra na sua investigação científica. Elaborando uma definição a partir do «Diasystem Deutsch» e limitando-o, a seguir, no espaço e no tempo, ele conclui que o neerlandês não pertence ao alemão. No território dos dialectos pertencentes ao germânico ocidental continental cresceram duas línguas culturais modernas, o alemão e o neerlandês, o primeiro conquistando a maior parte do espaço, o segundo a menor parte. Aconteceu uma «Zellteilung» do conglomerado, originando línguas irmãs.

Uma segunda razão de confusão é o facto de a mesma palavra «Deutsch» ter servido para as duas línguas em formação durante bastante tempo. Ela aparece pela primeira vez num texto latino de 786, designando as línguas germânicas da Inglaterra. Depois, ela espalha-se na sua forma erudita — «theodiscus» — pelo continente, designando a língua do povo. No território que corresponde à área neerlandófono de hoje, ela populariza-se a seguir como Dietsch, Duutsch, Duitsch. (Isso explica a palavra «Dutch» para «neerlandesa em inglês, que usa «german» para «alemão»). Só mais tarde se popularizou em território alemão. Depois de tomar consciência da diferença suficientemente marcada entre as duas línguas, veio a necessidade de as diferenciar também pela designação, ficando a mais poderosa com aquele nome, a mais fraca recorrendo a outro. O doutor Goossens vê um paralelo no que aconteceu com a palavra «Fränkisch», um nome antigo para alemão. Esta palavra desapareceu quando a população da França, que consistiu parcialmente em Francos romanizados, começou na Idade Média a designar a sua língua como «Fränkisch» (françois, francesche). É possível que tenha sido naquela altura que a palavra «Deutsch», vindo do Oeste, se tenha popularizado definitivamente em território alemão.

A palavra «neerlandês» (Nederlands) encontra-se pela primeira vez num incunábulo de 1482 mas é só muito mais tarde que começou a ganhar terreno. Hoje em dia ela e a designação obrigatória da língua nacional dos Países Baixos e da parte norte da Bélgica na administração, nos meios de comunicação e no ensino. Ela é também obrigatória no domínio linguístico quando se refere ao

## NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

todo, deixando «holandês» e «flamengo» para dialectos e variantes. Este uso esta a alargar-se a outros domínios da cultura.

Agora que ao acordo cultural luso-belga de 1958 se juntou o acordo cultural luso-holandês de 1984, e que muito em breve seremos membros da mesma Comunidade, podemos esperar uns dos outros um esforço maior para um conhecimento melhor <sup>1</sup>.

Maio, 1985

*Roza Huylebrouck*

---

<sup>1</sup> A Bibliografia acerca deste assunto é naturalmente vastíssima. Apoiamo-nos entre outros em:

BRACIHN, Pierce — *La langue néerlandaise*, Didier-Bruxelles, 1977, 172 p.; FLEERACKERS, Johan — *De Nederlandse Taalunie: een verantwoording*, Ons Erfdeel, Rekkem, 4/80, pp. 485-499.; GOOSSENS, Jan — *Was ist Deutsch — und wie verhält es sich zum Niederländischen?*, Nachbarn 11, Bonn, 1971, 30 p.; GROOTHOFF, Geert — *De Algemene Nederlandse Spraakkunst*, Neerlandia, Deu Haag — Brussel, dec. 1984, pp. 202-212; HOOG, Benard de — *De Nederlandse Taalunie: drie werkelijkheden*, Ons Erfdeel, Rekkem, 1/83, pp. 1-8; MELIS, Anne — *Contactlinguïstiek te Brussel*, Neerlandia, Den Haag-Brussel, juni 1983, pp. 115-116; MILIS, Ludo — *Cultuurkistorische en — sociologische overwegingen bij het fenomeen taalgrens*, Ons Erfdeel, Rekkem, 5/84, pp. 641-650; ROOIJ, J. de — *De ANS als normatieve grammatica*, Neerlandica extra muros, Coutinho, Muiderberg, 38 voorjaar 1982, pp. 2-12; VANDEPUTTE, O./FERMAUT, J. — *Le Néerlandais*, Stichting Ons Erfdeel, Rekkem, 1981, 64 p.; WILMOTS, L./ROOIJ, J. de en anderen, *Voor wie Nederland en Vlaanderen wil leren kennen*, Diepenbeek, 1978, 213 p.